

## **FUTEBOL DE MULHERES EM PERSPECTIVA GLOBAL: REPRESENTAÇÕES, INSTITUIÇÕES E PODER (1965-1973)**

Victor Hugo Gonçalves Batista<sup>1</sup>

**Resumo:** Este artigo tem como objetivo analisar a dinâmica do futebol praticado por mulheres entre 1965 e 1973 a partir de uma perspectiva global, tendo em vista a proibição explícita da modalidade no Brasil em 1965 e na URSS em 1973, além dos primeiros campeonatos mundiais realizados na Itália em 1970 e no México em 1971. O futebol de mulheres foi proibido no Brasil e na URSS tendo como aparato principal o discurso da medicina. No entanto, nesse mesmo período o esporte se desenvolveu significativamente na Europa. Além disso, a FIFA recomendou às federações que assumissem o comando do futebol feminino, com o intuito de se reafirmar enquanto entidade máxima do futebol mundial e não permitir seu uso mercadológico e empresarial. A ideia é compreender esses acontecimentos sob um ponto de vista global, levando em conta os contatos e as trocas culturais, tendo como principal base teórica as reflexões do historiador Sebastian Conrad.

**Palavras-chave:** Futebol de mulheres; História Global; FIFA; discurso médico.

### **Women's football in a global perspective: representations, institutions and power (1965-1973)**

**Abstract:** This article aims to analyze the dynamics of soccer played by women between 1965 and 1973 from a global perspective, in view of the explicit prohibition of the sport in Brazil in 1965 and in the USSR in 1973, in addition to the first world championships held in Italy in 1970 and in Mexico in 1971. Women's soccer was banned in Brazil and the USSR with the main discourse of medicine. However, in that same period the sport developed significantly in Europe. In addition, FIFA recommended that the federations assume the command of women's football, with the aim of reasserting themselves as the highest entity in world football and not allowing its use in marketing and business. The idea is to understand these events from a global point of view, taking into account cultural contacts and exchanges, having as main theoretical basis the reflections of the historian Sebastian Conrad.

**Keywords:** Women soccer; Global History; FIFA; medical speech.

---

<sup>1</sup> Mestrando em História Social pelo Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal Fluminense. E-mail: victorhugobatista@id.uff.br

## Introdução

A historiografia e as perspectivas historiográficas são influenciadas pelos processos e pelos fatos históricos. Assim, os historiadores do presente são movidos a olhar o passado a partir de questões do seu próprio tempo. Segundo Roger Chartier, os historiadores pensam o mundo por meio dos homens do passado (apud SUBRAHMANYAN, 2017). Nessa perspectiva, na década de 1990 e na década de 2000, foi possível observar no campo historiográfico um crescimento significativo das pesquisas relacionadas à História Global, sobretudo nos Estados Unidos e na Inglaterra. Um dos principais nomes desse campo de estudos, Sebastian Conrad (2016), compreende que os processos globais do final da Guerra Fria e os ataques terroristas de 11 de setembro nos EUA, foram em grande medida responsáveis por esse olhar mais atento dos historiadores ao âmbito global. A crítica central dos historiadores globais diz respeito ao fato da História ter sido uma disciplina acadêmica ligada ao processo de formação e estruturação dos Estados-Nação no século XIX, a qual era extremamente eurocêntrica, por colocar a Europa como força central da história do mundo (CONRAD, 2016).

Em contrapartida, a História Global propõe superar essas fragmentações espaciais, por meio de uma compreensão que abarque interações, entrelaçamentos e conexões, de pessoas em movimento e de ideias em circulação (CONRAD, 2016). É a partir dessa perspectiva que trabalharemos, buscando construir uma história do futebol de mulheres<sup>2</sup> entre 1965 e 1973 que consiga captar essas trocas e conexões entre diferentes culturas. O recorte temporal corresponde a momentos significativos para o futebol feminino no mundo. Em 1965 o esporte foi proibido explicitamente no Brasil pelo Conselho Nacional de Desportos, por meio da Deliberação n<sup>o</sup>7/65; em 1970 e em 1971 foram disputados os dois primeiros Campeonatos Mundiais de Futebol Feminino e em 1973 a

---

<sup>2</sup> O uso do termo futebol de mulheres vem sendo defendido por importantes pesquisadoras como Cláudia Kessler e Silvana Goellner, como uma escolha política, a fim de valorizar as futebolistas brasileiras e as suas trajetórias no mundo esportivo. Portanto, utilizaremos o termo futebol de mulheres em primeiro plano, mas, não deixaremos de usar o termo futebol feminino, por ser o termo empregado pelos meios de comunicação da época. Ver: KESSLER, Cláudia Samuel. Mais que barbies e ostras: uma etnografia do futebol de mulheres no Brasil e nos Estados Unidos. 2015. Tese de Doutorado. Curso de Antropologia Social, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2015.

modalidade foi proibida na União Soviética. Seria interessante se conseguíssemos pesquisar em fontes de diferentes países, contudo, em função de diversos motivos, como a falta de disponibilidade de fontes na internet e a língua, analisaremos quatro jornais do Rio de Janeiro, levando em consideração a tradição esportiva do Estado, sendo eles: *Jornal do Brasil*; *Jornal dos Sports*; *O Fluminense* e *Tribuna da Imprensa*.

O futebol é, sem sombra de dúvidas, o esporte mais popular e mais global entre todos. Ele está presente nas escolas, nas ruas, nos grandes estádios e até nos *shopping centers* em lojas esportivas que colocam em destaque nas suas vitrines a camisa do time ou da seleção que está em maior evidência. Apesar das particularidades deste desporto em cada país, pode-se dizer que existe uma característica comum nessa esfera social: o futebol é um esporte que possui caráter patriarcal e está diretamente relacionado à construção da identidade masculina (DUNNING, 1992) e apresenta valores considerados masculinos desde a sua origem, no final do século XIX na Inglaterra, como a energia, a coragem e a força física (BOURDIEU, 2003). Por outro lado, as mulheres eram vistas como seres frágeis e delicados e, conseqüentemente, deveriam ficar longe do futebol e de modalidades esportivas consideradas violentas. É fato que essa perspectiva tem suas limitações, uma vez que pensava sobretudo em homens e mulheres brancos, da elite e europeus. De todo modo, parece claro que essa visão é levada para outros países por pessoas mais abastadas financeiramente, de maneira que ela acompanhou o desenvolvimento da modalidade. Assim, vale destacar o poder como um elemento fundamental no processo de exportação do futebol da Europa para os outros continentes. Apesar das inúmeras mudanças que aconteceram no futebol ao longo do tempo, ele continua sendo majoritariamente um espaço masculino e de afirmação da virilidade, evidentemente de maneiras diferentes em cada país.

Mesmo sem serem estimuladas e incentivadas a jogar futebol, as mulheres foram para campo nas primeiras décadas do século XX. Com a Primeira Guerra Mundial, os homens foram para os campos de batalha e a única alternativa das fábricas inglesas foi contratar mulheres que começaram a trabalhar e a jogar futebol. Elas realizaram campeonatos com fins beneficentes e despertaram a atenção de muitos torcedores. Com o fim da Guerra, a Football Association se

recusou a ceder os campos para os jogos banindo a categoria.<sup>3</sup> A França teve a sua primeira seleção feminina em 1916, porém, a Federação Francesa não reconheceu os times femininos do país (WILLIANS, 2011). No Brasil, as mulheres também foram para campo e também para os circos<sup>4</sup> ainda nas primeiras décadas do século XX (BOMFIM, 2019). Na década de 1930, o futebol passou a ser reconhecido na sociedade brasileira como um dos principais elementos da cultura nacional (ALMEIDA, 2013) e as mulheres tentaram se inserir no esporte, formando equipes e realizando campeonatos, principalmente nos subúrbios do Rio de Janeiro (FRANZINI, 2005); (BONFIM, 2019). Entretanto, em 1941 o Conselho Nacional dos Desportos, por meio do artigo 54 do Decreto-Lei 3.199, proibiu que as mulheres praticassem esportes incompatíveis com a natureza feminina e o futebol que já era visto como uma prática desviante do ideal de feminilidade pelas autoridades da medicina, da educação física e por parte da sociedade estava entre as modalidades atingidas pela nova lei (FRANZINI, 2005). Nota-se, portanto, as tentativas das mulheres em integrarem esse meio social no Brasil e em países europeus e a atuação das instituições para contê-las, conservando o futebol como um espaço masculino.

Em 1951, o Presidente da Federação de Futebol da Nicarágua escreveu ao Presidente da FIFA a respeito do futebol feminino na Costa Rica, o qual contava na época com cerca de vinte mil jogadoras. Ele queria saber o que a FIFA faria a respeito e a entidade respondeu que não tinha preocupação com a jurisdição do futebol feminino e não poderia oferecer conselhos (WILLIANS, 2011). Apesar disso, a FIFA e a UEFA foram obrigadas a assumir o controle da participação das mulheres no futebol entre 1969 e 1971, em virtude do crescente número de jogadoras no continente europeu e nos interesses comerciais por trás da promoção do futebol de mulheres.

A crescente do futebol feminino também ocorreu no Brasil, no final da década de 1950 e início da década de 1960, sendo incentivado, inclusive, por

---

<sup>3</sup> PEREIRA, Lara. Futebol feminino: como a Primeira Guerra Mundial ajudou a impulsionar o esporte. Medium, 6 de agosto de 2018. Disponível em: <<https://medium.com/@laracpereira/futebol-feminino-como-a-primeira-guerra-mundial-ajudou-a-impulsionar-o-esporte-2a8b114a0fc>>. Acesso em: 19 de Jan de 2020.

<sup>4</sup> O Circo Queirolo, o Circo Alcebídes e o Circo Seyssell foram alguns dos circos que tiveram entre suas atrações o futebol feminino, que na grande maioria das vezes era destacado na imprensa por ser algo inusitado que chamaria a atenção do público.

alguns meios de comunicação, como a *Revista do Esporte*.<sup>5</sup> Em virtude da falta de fontes é difícil traçar certas relações e compreender as conexões nesse universo do futebol de mulheres. Uma hipótese possível para o crescimento da prática dessa prática é a volta da Copa do Mundo de futebol masculino, em 1950, depois de mais de dez anos sem a realização do torneio, que passou a acontecer de forma ininterrupta a cada quatro anos. Levando em consideração as paixões nacionais despertadas nas copas, certamente muitas mulheres ao redor do mundo foram influenciadas a jogar futebol por causa delas.

A reação das autoridades brasileiras a esse aumento, contudo, aconteceu de forma diferente. Como foi dito em linhas anteriores, o Brasil proibia que as mulheres praticassem esportes incompatíveis com a natureza feminina. Contudo, em 1965, o CND tornou explícito as modalidades proibidas, por meio da Deliberação nº7<sup>6</sup>, estando entre elas o futebol, o rugby, o polo aquático e entre outras. Tal medida pode ser compreendida como uma reafirmação do Decreto-Lei 3.199 de 1941, pois baseava-se nos mesmos argumentos. As modalidades poderiam prejudicar o órgão reprodutor feminino e comprometer a geração de filhos saudáveis para a nação.

Antes de iniciar o primeiro tópico deste artigo, é válido ponderar que essa pesquisa só pôde acontecer por conta das revoluções tecnológicas que modificam e redimensionam a relação dos indivíduos com a memória. Em outras palavras, nossas experiências de realidade são mediadas por tecnologias capazes de armazenar quantidades enormes de dados e imagens (GINZBURG, 2009). Além dessas influências serem percebidas no cotidiano, elas também influem no trabalho dos historiadores, os quais podem ter acesso a uma enorme gama de documentos de maneira simples, por meio de um computador e de uma conexão com a internet. A Hemeroteca Digital, da Biblioteca Nacional, é uma plataforma de pesquisa sofisticada, que permite ao pesquisador pesquisar por palavras-chave, direcionando-o às notícias dos periódicos que constam o termo

---

<sup>5</sup> A Revista do Esporte foi lançada em 1959 e já no seu primeiro ano de circulação se posicionou abertamente favorável ao futebol feminino. Na página 60 da Edição de 11 de julho de 1959 em uma coluna intitulada “Nossas Opiniões”, a revista defende a prática do futebol por mulheres, mas não como uma modalidade esportiva como o futebol masculino.

<sup>6</sup> **Deliberação nº 7 do Conselho Nacional de Desportos.** Disponível em: <<http://cev.org.br/biblioteca/deliberacao-n-7-2-agosto-1965>> Acesso em: 3 de out. de 2020.

empregado. Dessa forma, foi possível selecionar os periódicos mais relevantes para a pesquisa, levando em conta o número de aparições do termo “futebol feminino”. Embora sejam jornais do Rio de Janeiro, eles trouxeram notícias sobre o futebol de mulheres em escala mundial, sendo possível realizar análises sob uma perspectiva global.

### **Proibição, medicina e a FIFA**

Segundo Joan Scott (1990), o gênero é um elemento constitutivo das diferenças percebidas entre os sexos e uma forma primária de significar as relações de poder. Por meio dessa lógica, pode-se compreender as tentativas de restringir a presença feminina no universo futebolístico, uma vez que os atributos físicos são utilizados como a principal justificativa. Embora os países europeus não tenham proibido efetivamente o futebol de mulheres, os ideais eugênicos defendidos por eles nas primeiras décadas do século XX, limitaram os espaços de atuação das mulheres no mundo esportivo. Algumas modalidades eram recomendadas, como a ginástica e a natação, a fim de produzir mulheres com corpos fortes e saudáveis para gerarem filhos também fortes e saudáveis e assim contribuir para o melhoramento da raça. (GOELLNER, 2005). Pelo mesmo motivo, no entanto, outros esportes foram proibidos. O suor e a força excessiva, assim como o contato em jogos violentos, poderiam prejudicar o órgão reprodutor feminino, segundo os médicos de alguns países.

Os ideais de eugenia, de uma forma geral, já não tinham força na década de 1960. Ainda assim, o futebol feminino e outros esportes foram explicitamente proibidos no Brasil em 1965, por meio da Deliberação nº7, reafirmando a ideia de que alguns esportes poderiam prejudicar o organismo feminino e comprometer a maternidade. Tendo em vista a contribuição dos estudos pós-coloniais no sentido de compreender que a integração global moderna é permeada por estruturas de poder, não se pode deixar de ter em mente as condições coloniais em que essas relações se formaram (CONRAD, 2019). Dessa maneira, por mais que exista uma influência de mão dupla nas relações culturais entre os países, é nítido que os países europeus exercem uma influência maior nos países latino-americanos.

Apesar da maior parte dos médicos da época terem se posicionado contrários ao futebol feminino, existiram vozes dissonantes. O jornal *O Fluminense* trouxe uma notícia em dezembro de 1970 informando a respeito da proibição de um jogo entre as seleções femininas da Alemanha Ocidental e da Iugoslávia. A notícia nos leva a crer que estava sendo planejado um jogo entre essas seleções no Brasil e a Confederação Brasileira de Desportos entrevistou, pois o futebol feminino era proibido aqui. Em termos práticos, um dos motivos dessa proibição pode ter sido o medo das autoridades esportivas brasileiras com a repercussão do certame, uma vez que poderia incentivar mulheres brasileiras a jogarem futebol. Na mesma notícia, o jornal concedeu espaço ao médico Antônio Maia Ferreira, que disse o seguinte:

A proibição de mulheres praticarem certas modalidades de esportes “tem um fundo de precaução médica, mas algumas práticas, como o futebol poderiam ser permitidas, desde que adaptadas às condições orgânicas femininas”. Para salvaguardar a integridade física da mulher decidiu o Serviço Médico do Ministério da Educação proibir, no caso, os jogos violentos ou que dependam de grande esforço<sup>7</sup>.

É interessante notar que mesmo considerando o futebol um esporte que poderia ser praticado pelas mulheres, Antônio Maia Ferreira faz questão de frisar que a proibição de certas modalidades possui relação com uma precaução médica. Fazendo um paralelo com as noções de práticas e representações de Roger Chartier (2002), o qual compreende que as representações estão sempre relacionadas a interesses particulares de um determinado grupo ou indivíduo, é evidente que esse posicionamento possui um caráter político. Nesse sentido, por mais que o médico esteja discordando de seus pares ao se colocar favorável ao futebol entre mulheres, ele mantém a ideia de que modalidades violentas sejam proibidas para garantir a integridade física da mulher, ficando ao lado da medicina.

Além disso, a visão de adaptar o jogo às condições orgânicas femininas parte de um ponto de vista binário, que foi construído culturalmente ao longo dos anos e projeta características naturais e inerentes aos sujeitos de um determinado gênero (SCOTT, 1990). Em contrapartida, Maria Lugones apud Oyewùmi (2008) nos mostra, a partir de uma perspectiva decolonial, que o gênero não era um

---

<sup>7</sup> O Fluminense, Niterói, 11 de dezembro de 1970, p. 3.

princípio organizador na sociedade Iorubá antes da colonização, por exemplo. Em outras palavras, isso significa dizer que as noções ocidentais de homem e mulher não faziam sentido naquelas sociedades. Associado ao ideal binário de gênero, a colonialidade do poder também construiu visões racializadas sobre os sujeitos, principalmente a partir do trabalho, estabelecendo as tarefas que deveriam ser desempenhadas levando em consideração o gênero e a cor da pele. Portanto, as características vistas como masculinas, entre elas a força, a coragem e a bravura, bem como as características compreendidas como femininas como delicadeza, docilidade e fraqueza, não são naturais, tão pouco universais, mas construídas culturalmente ao longo da história. Mesmo tendo passado muitos anos da colonização, essas marcas ainda permanecem presentes no imaginário social, por meio do machismo e do racismo.

O Jornal do Brasil publicou em maio de 1971 uma matéria de página inteira sobre os progressos femininos no esporte, trazendo informações de diferentes países. A página contém imagens de mulheres praticando as mais variadas modalidades e foi intitulada da seguinte maneira: “Sexo frágil”, com direito de ser forte”. Ao mencionar o futebol, o texto diz que:

A própria FIFA chegou a conclusão, em outubro último, de que o futebol feminino é uma realidade universal, concentrando-se principalmente na Europa e na Ásia. Em 12 países filiados o futebol feminino é reconhecido oficialmente, embora nenhuma das associações lhe dê apoio oficial. Na Guatemala, as mulheres podem ser juízes de campo ou de linha. No Paraguai, em compensação, quem falar em futebol feminino arrisca-se a ver uma cara feia e a ouvir a afirmação de que “dar pontapés na bola é contra a natureza feminina”<sup>8</sup>.

Sebastian Conrad (2019) afirma que as estruturas globais são parte de projetos globalizantes e os atores envolvidos defendem seus interesses. Dito de outra forma, o historiador chama atenção para o fato de que o processo de globalização não acontece de forma natural. Existem atores sociais e instituições que atuam para a integração global. A FIFA é um exemplo claro disso, uma vez que se estabelece como a entidade máxima do futebol no mundo, sendo reconhecida dessa maneira, buscando controlar e regular todas as práticas relacionadas à modalidade.

---

<sup>8</sup> Jornal do Brasil, Rio de Janeiro, 21 de maio de 1971, p. 55.



Alguns anos antes, contudo, a FIFA tinha assumido uma postura diferente sobre o futebol feminino. Giovana Capucim e Silva (2015) relata que em 1965 o Comitê de Emergência da entidade debateu sobre o “problema do futebol feminino” e aconselhou as federações nacionais que adotassem prudente reserva e que não estimulassem o desenvolvimento do esporte. Esse cenário nos leva a questionar o que teria acontecido nesse espaço de tempo para que a FIFA mudasse a sua postura, já que em 1965 o futebol feminino possuía um crescimento expressivo na Europa. Em 1968, nove times italianos formaram a Federação Italiana de Futebol Feminino e em 1969, foi fundada a Federação Internacional Europeia de Futebol Feminino com o apoio da empresa de bebidas Martini e Rossi (WILLIANS, 2011). Já em 1970 foi disputado na Itália o primeiro Campeonato Mundial de Futebol Feminino, promovido pelos irmãos Rambudi, fabricantes de móveis e fundadores da equipe feminina do Real Torino<sup>9</sup>. Esses fatores geraram preocupação da FIFA com o futebol feminino, levando ao envio da carta circular 142 para os membros indicarem a existência do jogo e os instruindo a assumir o controle das formas que fosse encontrado (WILLIANS, 2011). Portanto, a posição da FIFA não foi progressista. Ela possui um ideal estratégico de conter a exploração empresarial do futebol de mulheres ao redor do mundo e de se reafirmar enquanto entidade superior do futebol.

Em uma outra notícia do *Jornal do Brasil*, em novembro de 1971, na qual a FIFA estimula e recomenda o futebol feminino às federações, o Paraguai aparece como um dos países filiados que se posicionou enfaticamente contra por considerar o futebol incompatível com a natureza feminina. “Outros países, entre os quais o Brasil, responderam que não dão aprovação oficial ao esporte, mas que já há equipes femininas organizadas em seu território”<sup>10</sup>. Por outro lado, a Guatemala parece que possuía uma abertura para a presença das mulheres no futebol. De acordo com a concepção de Conrad (2019), a compreensão dessa situação pode ser entendida por meio de uma perspectiva comparada que situe os polos em contextos sistêmicos com que se relacionam. Sendo assim, a Guatemala se insere no quadro dos países que tiveram uma abertura e um crescimento relevante no futebol feminino. Em contrapartida, Brasil e Paraguai

---

<sup>9</sup> Jornal do Brasil, Rio de Janeiro, 12 de março de 1970, p. 28.

<sup>10</sup> Jornal do Brasil, Rio de Janeiro, 16 de novembro de 1970, p. 48.

podem ser concebidos no conjunto de países que o futebol feminino encontrou uma maior dificuldade de se desenvolver, em função da força de uma mentalidade que enxerga o futebol como um esporte exclusivo para os homens.

Apesar disso, o futebol de mulheres, pelo menos no Brasil, foi praticado mesmo com a proibição, acompanhando a tendência global da ocupação desse campo social pelas mulheres. Da mesma forma, é certo que as jogadoras dos países mais liberais no que diz respeito ao futebol feminino, foram vítimas de preconceito em algum momento, pois a noção do futebol como um esporte de homem, se faz presente em todo o mundo, ainda que de maneiras distintas, em virtude das origens e dos valores inerentes ao esporte. Além disso, mesmo o futebol feminino sendo proibido pelo Brasil e pelo Paraguai, os países assumem uma postura diferente diante da recomendação da FIFA, visto que o primeiro mantém um tom político e diplomático, enquanto o segundo confronta abertamente a entidade.

Retomando a notícia de maio de 1971 do *Jornal do Brasil*, discute-se a questão da feminilidade e o jornalista diz o seguinte:

Atualmente, as organizações internacionais esportivas exigem que as atletas se submetam ao Teste de Feminilidade, a fim de poderem ser cientificamente incluídas na categoria feminina. Mas os médicos afirmam que o problema da falta de feminilidade é, quando existe, genético ou psicológico, não um problema de esporte, pois contrariando certos preconceitos (muito fortes no Brasil) o esporte até aumenta a feminilidade<sup>11</sup>.

Percebe-se uma preocupação internacional em relação a possível perda de feminilidade da mulher, tendo em vista a necessidade delas se submeterem a um teste para medi-la. Embora a notícia não informe a metodologia e os procedimentos realizados nesse teste, pode-se questionar o que uma mulher precisaria ter para se enquadrar como feminina. Mais uma vez, dialogamos com uma categoria socialmente construída, uma vez que aquilo que se entende como feminilidade e masculinidade são pressupostos inventados e estabelecidos em uma determinada cultura, os quais são muitas vezes verificados através de performances de gênero (BUTLER, 2003).

Não existiam organizações internacionais esportivas que submetiam os homens a testes de masculinidade. Por que isso era feito somente com as

---

<sup>11</sup> *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 21 de maio de 1971, p. 55.

mulheres? Não bastava ser mulher, de acordo com a lógica de gênero binária, era necessário passar no teste de feminilidade para ser cientificamente incluída na categoria feminina. Levando em consideração a dualidade feminilidade/masculinidade, pode-se afirmar que a perda de feminilidade seria, conseqüentemente, o ganho de masculinidade. Existia um medo da masculinização feminina por meio dos esportes, mesmo com os médicos afirmando que eles até aumentam a feminilidade. Assim, este teste de feminilidade pode ser visto como um instrumento para conter as variadas performances corporais possíveis para as mulheres e enquadrá-las em uma lógica de ação corporal inventada e naturalizada como feminina.

Ao citar certos preconceitos ainda muito fortes no Brasil, certamente o jornalista estava se referindo aos esportes proibidos pelo Conselho Nacional de Desportos. É interessante que o discurso médico desta vez é utilizado para contrariar a proibição, tendo em vista que alguns médicos teriam afirmado que o problema da falta de feminilidade seria genético ou psicológico, e não de esporte. Em seguida, o jornalista relatou que um médico chamado Pfeifer examinou 24 campeãs olímpicas que mais tarde engravidaram normalmente, constatando que: “As atletas femininas têm, na maior parte dos casos - concluiu - um parto relativamente mais rápido e sem tanta dor, um período menos incômodo de gravidez e um maior poder de recuperação”<sup>12</sup>. Percebe-se, portanto, a divergência entre este discurso e aquele que referia-se ao futebol e a outros esportes como possíveis comprometedores de gravidez. Diante disso, torna-se claro que embora a medicina pretenda ser uma ciência universal, ela não consegue, em virtude de diversos fatores como a heterogeneidade entre os médicos e o contexto no qual estão inseridos. A medicina é, também, uma instituição que possui um poder e uma influência muito grande na sociedade, atuando em muitas ocasiões para manter as estruturas sociais de gênero, de maneira a limitar a possibilidade de atuação dos sujeitos e, principalmente, das mulheres.

Com o objetivo de conter o avanço do futebol feminino no Brasil, a Confederação Brasileira de Desportos enviou uma circular às federações

---

<sup>12</sup> Jornal do Brasil, Rio de Janeiro, 21 de maio de 1971, p. 55.

estaduais, que foi exposta na íntegra em uma edição da *Tribuna da Imprensa* na coluna “entidades”. Posteriormente o jornalista escreveu:

A proibição do futebol feminino no Brasil surgiu depois que os médicos, únicos competentes para dizem sim ou não a esse esporte, se pronunciaram contrário e o porquê. É evidente que esse alerta deve ter surgido também por parte ou com a participação do CND. Aplausos a CBD, CND e ao presidente da FCF, que imediatamente mandou publicar em seu boletim oficial, para o conhecimento de todos. Os que de uma forma ou outra estão burlando, não só as leis esportivas, mas também decisão médica, que se acautelem. Muita gente, sem qualquer qualificação para tal, diz comumente: não há mal nenhum, outros países praticam. Mas isso aí é com os outros países<sup>13</sup>.

A palavra dos médicos é colocada como inquestionável, mostrando a força e o poder que possui, como salientamos anteriormente. De certo modo, a autoridade médica é vista pelo jornalista como aparato da lei, ao dizer que “as pessoas não estariam burlando não só as leis, mas a decisão médica”. Em outras palavras, a infração torna-se mais grave, uma vez que além de ser contrária a lei, vai também contra aquilo que os médicos recomendam.

Um outro ponto que merece ser destacado diz respeito ao posicionamento do jornalista diante das pessoas que defendiam o futebol feminino com o argumento de que outros países praticavam. A partir disso, torna-se nítida a influência do desenvolvimento do futebol feminino na Europa aqui no Brasil, já que existiam pessoas que defendiam a prática da modalidade sob o pretexto de que outros países praticavam. Embora não cite que são países europeus, é possível presumir que sejam, pois as informações do crescimento do futebol de mulheres nos países europeus eram constantemente noticiadas na imprensa brasileira. Ao ignorar completamente os outros países, talvez o jornalista não tenha pensado que eles também possuem médicos para decidirem se o futebol é prejudicial ou não para as mulheres. Assim, embora os jornalistas tenham a pretensão da imparcialidade (DE LUCA, 2019), em muitas situações e principalmente no âmbito esportivo, que mexe com paixões e emoções, suas opiniões e pensamentos pessoais impedem que ela aconteça.

Todos os jornais pesquisados, excetuando-se *O Fluminense*, noticiaram a proibição do futebol feminino na União Soviética em 1973. *O Jornal do Brasil* foi o que mais repercutiu, colocando a notícia na capa de uma edição. Como não foi

---

<sup>13</sup> *Tribuna da Imprensa*, Rio de Janeiro, 4 de setembro de 1973, p. 12.

apenas o futebol feminino proibido, o título da matéria no canto direito da capa era: “URSS proíbe de chiclete a ioga e karatê.” A publicação foi seguida pelo seguinte texto:

A União Soviética proibiu a prática do futebol feminino por ser “prejudicial ao organismo da mulher e despertar paixões ardentes e malsãs.” A decisão tomada pelo Comitê Soviético para Esportes Físicos e Cultura, atinge também o bridge, karatê, ioga, pólo, chicletes e a leitura da revista norte-americana *Playboy*<sup>14</sup>.

Tendo em vista o contexto global da Guerra Fria, esse conjunto de proibições podem ser analisadas como uma maneira de moldar os cidadãos soviéticos, afastando-os de esportes e práticas culturais que não seriam benéficas e do modelo de consumo e de práticas associadas ao capitalismo. Na terceira página da mesma edição são explorados mais detalhes a respeito dessas proibições e são elencados os motivos para cada uma delas. O karatê, por exemplo, era contrário ao sistema soviético de preparação física, já a ioga não preencheria as necessidades dos homens empregados em trabalhos em trabalho ativo por ser uma filosofia cheia de misticismo. As proibições, portanto, estão alinhadas ao ideal soviético de indivíduo e de sociedade, de modo a repudiar tudo aquilo que não fosse contribuir para o corpo social.

No que tange o futebol feminino, o jornalista cita o crescimento desse esporte em Monte Carlos e na Ucrânia e para além da questão do prejuízo ao organismo, também é levado em conta a possível perda de feminilidade. Nessa lógica, a notícia diz que: “Ao condenar a prática do futebol feminino, o Comitê de Esportes Físicos e Cultura, arvorou-se em intrépido defensor da feminilidade das mulheres soviéticas, que não podem cultivar músculos, nem “paixões ardentes e malsãs””<sup>15</sup>. Na mesma linha, o jornalista supõe que a proibição deve ter relação com episódios envolvendo atletas soviéticas em competições olímpicas internacionais, que foram acusadas de “perda da feminilidade”, em função da excessiva forma física e virilidade. Mesmo com todas as diferenças entre os comunistas e os capitalistas, o ideal binário de gênero é um ponto em comum, sendo evidente por meio dessa necessidade de as mulheres manifestarem feminilidade para poder competir em jogos internacionais. De todo modo, o

---

<sup>14</sup> Jornal do Brasil, Rio de Janeiro, 27 de janeiro de 1973, p. 1.

<sup>15</sup> Jornal do Brasil, Rio de Janeiro, 27 de janeiro de 1973, p. 2.

crescimento do esporte em certas regiões da URSS se insere na tendência global de expansão da modalidade naquele período.

Alguns meses depois, o jornalista Armando Nogueira comenta sobre a proibição do futebol feminino na URSS. Responsável pela coluna “Na Grande Área”, ele era um opositor ferrenho do futebol de mulheres. Em relação a esse episódio ele escreveu:

Agora, no Boletim oficial da FIFA, mais uma versão russa contra o futebol de mulheres. “A prática do futebol entre mulheres favorece o aparecimento de varizes”. Além disso - acrescenta a doutora Nathalie Gravskaya, chefe do serviço médico do Instituto de Pesquisas de Cultura Física da URSS - o duelo pela bola ocasiona lesões aos órgãos genitais<sup>16</sup>.

Novamente, o discurso médico é invocado para pautar a argumentação de que o futebol feminino seria prejudicial ao corpo feminino, mostrando a força que ele possui nas mais variadas e distintas sociedades. De acordo com Bourdieu, a dominação masculina acontece em grande medida de forma simbólica, sendo as instituições, como a Igreja, o Estado e também a Medicina, as principais responsáveis por garantir a manutenção desta estrutura. Em linhas gerais, a violência simbólica ocorre quando aquele que é dominado aceita e legitima a dominação, em virtude de se desenvolver a partir de experiências que o coloca como subalterno, sendo o caso das mulheres a vivência em uma sociedade patriarcal e androcêntrica (BOURDIEU, 2012). Segundo Carmen Rial (2013), a proibição do futebol feminino no Brasil foi uma forma de excluir as mulheres da participação plena na nação, mas não perceberam a medida como exclusão e sim como ausência natural, apropriada a sua condição de gênero.

No mesmo sentido, pode-se compreender o fato da médica soviética corroborar com a proibição do futebol de mulheres. Certamente ela se desenvolveu tendo em mente que o futebol é um esporte masculino e violento, enquanto mulheres seriam frágeis e delicadas, logo, incompatíveis com esse esporte. Percebe-se, então, que tanto na URSS, quanto no Brasil, os médicos atuaram valendo-se das suas posições sociais e do poder que possuíam, tentando impedir as mulheres de jogar futebol, sendo isto uma forma de manter e assegurar a ordem binária dos gêneros, a qual garante a dominação masculina. O argumento médico, contudo, é facilmente refutável, tendo em vista que o órgão

---

<sup>16</sup> Jornal do Brasil, Rio de Janeiro, 15 de março de 1973, p. 41.

reprodutor feminino é interno, enquanto o masculino é externo. Dessa forma, os homens correriam um risco muito maior de se lesionarem em um jogo de futebol do que as mulheres (RIAL, 2013).

É válido notar, que apesar do tom de imparcialidade colocado por Armando Nogueira, a maneira que ele transmite a notícia é estratégica e tem o intuito de dar substância para o ponto de vista pessoal que ele tinha, contrário ao futebol feminino. No fim da matéria ele escreve assim: “A doutora Gravskaya recomenda 48 modalidades esportivas às mulheres, entre as quais atletismo, esgrima, ciclismo e tiro. Futebol, não”<sup>17</sup>. O pensamento dele converge com o da doutora. As mulheres até poderiam praticar alguns esportes, mas que estivessem de acordo com o ideal de feminilidade e delicadeza.

### **Os primeiros campeonatos mundiais de futebol feminino**

A Copa do Mundo de futebol masculino e de futebol feminino são eventos que possuem uma natureza essencialmente global. Está no próprio nome. A primeira Copa do Mundo de futebol feminino realizada pela FIFA aconteceu em 1991, na China, contendo representantes de todos os continentes e federações internacionais, sendo o Brasil, o único da CONMEBOL.

Em julho de 1970, no entanto, foi disputado na Itália o primeiro Campeonato Mundial de Futebol Feminino, que foi organizado pela Federação Internacional Europeia de Futebol Feminino, sendo noticiado por todos os jornais pesquisados e vencido pela Dinamarca que disputou a final contra a Itália. Diferente da Copa de 1991, participaram apenas seleções europeias e uma da América do Norte. A *Tribuna da Imprensa* informou sobre o formato da competição e as seleções que iriam participar. De acordo com o periódico, a primeira Copa do Mundo feminina contaria com 8 seleções divididas em 2 grupos. O grupo A foi formado por México, Itália, Suíça, Áustria, enquanto o grupo B ficou com Inglaterra, França, Tchecoslováquia e Dinamarca. As equipes do mesmo grupo se enfrentariam e a final seria decidida pelo primeiro de cada grupo<sup>18</sup>.

---

<sup>17</sup> Jornal do Brasil, Rio de Janeiro, 15 de março de 1973, p. 41

<sup>18</sup> Tribuna da Imprensa, Rio de Janeiro, 7 de julho de 1970, p. 11.

A única seleção não europeia foi o México, que de acordo com o jornal era o atual campeão do Continente, sendo isto um forte indício de que outros países da América contavam com selecionados nacionais de mulheres. A respeito da seleção do país latino o jornalista escreve que “[...] as mexicanas, campeãs do Continente, viajarão à Europa decididas a causar uma surpresa e mostrar que o jogo dos americanos é sempre eficaz, mesmo quando defendido pelo chamado sexo frágil”.<sup>19</sup> Dois pontos podem ser destacados neste trecho. Em primeiro lugar, a ideia de mostrar que o jogo dos americanos é sempre eficaz, certamente está relacionado com uma visão voltada para o futebol masculino, no sentido de que as seleções do continente americano possuem bons desempenhos em campeonatos mundiais de futebol masculino, haja vista o Brasil tricampeão mundial e o Uruguai bicampeão. Em seguida, a concepção da mulher enquanto um ser delicado era tão forte naquela época, que era considerada como “sexo frágil”, em contraposição ao homem, que seria o sexo forte. Embora a noção de gênero binária ainda permaneça praticamente intacta, é importante reconhecer que o gênero está em constante mudança e disputa. A linguagem confirma isso, uma vez que esse tipo de ideia já não é mais posta sem ser contestada.

Alguns meses antes, em março de 1970, uma situação inusitada foi noticiada pelo *Jornal dos Sports* e tratada com um certo tom de ironia. Com o título da notícia chamada de “Uma Copa Furada”, o periódico relatou que seria disputado o Campeonato Mundial de Futebol Feminino na Itália, organizado pela Federação Internacional Europeia de Futebol Feminino em julho e que a competição contaria com 8 seleções. No entanto, o jornalista fica indignado pelo fato do Brasil ser anunciado entre os participantes e diz:

Mas quando o senhor Vinicio Lucci, presidente da FIEFF, deu a conhecer os oito países inscritos, a notícia virou brincadeira. É que os oito países seriam Itália, campeã europeia, Dinamarca, vice-campeã, Tchecoslováquia, campeã dos países do Leste europeu, Brasil, campeão sul-americano (?), Argentina, França, Inglaterra e União Soviética. E todo mundo sabe que o futebol feminino é proibido no Brasil por decisão do CND. O pior é que a FIEFF ainda nos apresenta como campeão sul-americano<sup>20</sup>.

---

<sup>19</sup> Ibid.

<sup>20</sup> *Jornal dos Sports*, Rio de Janeiro, 1 de março de 1970, p. 5.



Evidentemente, o Brasil não era campeão sul-americano de futebol feminino, pois, como bem relatou o jornalista, o futebol era proibido para as mulheres no Brasil e apesar de mesmo assim muitas garotas jogarem bola, não existia uma seleção nacional. Contudo, o que nos interessa e merece ser questionado é o porquê de o Brasil ter sido anunciado como participante e ainda como campeão sul-americano. Pensando a partir de uma perspectiva global, pode-se dizer que o Brasil possuía um reconhecimento mundial no que diz respeito à prática do futebol masculino. Finalista na copa de 1950 e campeão em 1958 e 1962, os brasileiros conquistaram respeito e admiração dos torcedores de outros países pelo estilo de jogo e pela individualidade de personagens como Pelé, Garrincha, Didi, Nilton Santos e entre outros. Em virtude dessa tradição do Brasil no mundo do futebol, os organizadores do campeonato podem ter imaginado que no futebol feminino o país também era bem representado. Já a apresentação do Brasil como campeão sul-americano é bem provável que tenha sido uma jogada comercial a fim de atrair o público para ver as brasileiras em ação. Além disso, um outro elemento que pode ter pesado para a inclusão do Brasil nessa lista é a boa relação diplomática que o país mantinha com as outras nações, que aliado a tradição futebolística seria uma excelente atração.

A lista também conta com a URSS, que proibiu o futebol feminino em 1973. Não sabemos se naquele momento os soviéticos contavam com uma seleção de futebol feminina, mas nas nossas pesquisas em nenhum momento nos deparamos com alguma notícia sobre a seleção de futebol de mulheres do país. Assim, a inclusão da URSS na lista dos participantes também pode ter acontecido em função da tradição no esporte, visto que os soviéticos/as se destacavam nas olimpíadas.

Um outro ponto interessante deste trecho diz respeito a parte em que o jornalista escreve que todo mundo sabe que o futebol feminino é proibido no Brasil por decisão do CND. Ele assume como natural a proibição no Brasil, por mais que outros países tivessem seleções de futebol feminino e um campeonato mundial estivesse sendo planejado. Além disso, para colocar o Brasil na lista dos participantes do campeonato, os italianos não deveriam imaginar que o futebol feminino era proibido aqui. Inseridos em um contexto no qual o futebol de

mulheres estava em ascensão, provavelmente pensaram que o mesmo acontecia no país que era uma das maiores forças do futebol de homens.

Poucos dias depois, o *Jornal do Brasil* publicou uma notícia semelhante, trazendo informações sobre o primeiro mundial de futebol feminino. O jornal relata que os irmãos Rambaudi, fabricantes de móveis e fundadores da equipe de futebol de mulheres do Real Torino, organizaram no ano anterior a Copa Europeia de Futebol Feminino, a qual teve mais ou menos 15 mil espectadores na final disputada entre Itália e Dinamarca. Em relação ao campeonato mundial, a notícia diz que os participantes seriam, além das finalistas da Copa Europeia, a França, a Inglaterra, a Tchecoslováquia, o Brasil, a Argentina e a URSS. Ou seja, a lista era a mesma informada pelo *Jornal dos Sports*. Uma funcionária da Federação Internacional Europeia de Futebol Feminino ainda disse para o jornal que “Todas as equipes convidadas aceitaram e não se afasta a possibilidade de que outras seleções nacionais apresentem seu pedido antes de julho”<sup>21</sup>.

Diferentemente do *Jornal dos Sports*, o jornalista do *Jornal do Brasil* não questionou o fato do Brasil estar entre os participantes da competição. Um outro ponto intrigante está associado à aceitação das seleções convidadas relatada pela funcionária da federação. O Brasil, a Argentina e a URSS não participaram do campeonato, evidentemente cada um tendo motivos diferentes. Frente a isso, cabe o questionamento: essas seleções realmente aceitaram o convite? Dificilmente obteremos essa resposta, porém, o fato que nos interessa é o porquê dessas seleções terem sido incluídas na lista dos participantes. Uma Copa do Mundo, em tese, é a reunião das melhores seleções do mundo, em qualquer modalidade. Levando em consideração que não existia uma eliminatória de classificação para a competição e nenhum critério estabelecido, foi conveniente convidar países que tinham uma relevância na modalidade na categoria masculina, mesmo sem saber se eles contavam com uma seleção feminina. A notícia ainda diz o seguinte a respeito de Brasil e Argentina: “Espera-se que as duas equipes sul-americanas convidadas - Brasil e Argentina - despertem particular interesse entre os torcedores já que farão sua primeira apresentação na Europa”<sup>22</sup>. Percebe-se, portanto, que os organizadores apostavam

---

<sup>21</sup> *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 12 de março de 1970, p. 28

<sup>22</sup> *Ibid*

especificamente nesses países sul-americanos, por serem potências do futebol mundial no âmbito masculino, além de ser uma novidade, o que conseqüentemente aumentaria a curiosidade e o interesse dos torcedores italianos.

No ano seguinte, outra edição do torneio foi realizada, sendo o México o país anfitrião. Palco da Copa do Mundo de futebol masculino em 1970, os mexicanos investiram na modalidade feminina e o campeonato foi um sucesso se for levado em conta o público nos estádios. Essa edição contou com o próprio México, Argentina, Dinamarca, França, Inglaterra e Itália<sup>23</sup>. Assim como no mundial do ano anterior, a Dinamarca sagrou-se campeã. Mesmo sem participar do campeonato, o Brasil mais uma vez esteve envolvido. De acordo com o Jornal do Brasil:

Em Agosto próximo, vai realizar-se, no México, o I Campeonato Mundial de Futebol Feminino, e o Brasil, por uma deferência especial do presidente do Comitê Organizador do Campeonato, Sr. Jaime de Haro, e por exigência do povo mexicano, será convidado especial e automaticamente finalista, sem precisar de disputar as eliminatórias<sup>24</sup>.

A notícia comete um erro ao citar o campeonato como o I Campeonato Mundial de Futebol Feminino, uma vez que esta seria a segunda edição do torneio. De qualquer forma, a possibilidade de o Brasil disputar o campeonato e ainda como finalista direto é um fato muito relevante. Um ano antes, a seleção brasileira de futebol masculina conquistou o tricampeonato em território mexicano contra a Itália, vencendo por 4 a 1. Aquele time do Brasil é considerado até hoje por muitos jornalistas e torcedores como um dos melhores de todos os tempos. Com Pelé, Jairzinho, Gerson, Rivelino, Carlos Alberto Torres e entre outros craques, a seleção brasileira encantou o mundo e o povo mexicano com um futebol brilhante. É compreensível, então, o carinho dos mexicanos com os brasileiros e o desejo de ver a seleção brasileira feminina diretamente na final, pois de acordo com a lógica dos torcedores apaixonados, se a seleção masculina é incrível, a feminina também deveria ser.

A realidade, porém, era outra. O Brasil sequer possuía uma seleção de mulheres. Apesar disso, existiam pessoas interessadas em promover o futebol

---

<sup>23</sup> Jornal do Brasil, Rio de Janeiro, 15 de julho de 1971, p. 39.

<sup>24</sup> Jornal do Brasil, Rio de Janeiro, 23 e 24 de maio de 1971, p. 88.

feminino e organizar uma seleção. O radialista Valter Luis, responsável pela possível seleção, defende a prática do futebol de mulheres, por entender que em um país tropical como o Brasil o desgaste físico de ficar na praia sem proteção ou do carnaval é maior do que no futebol. Desde 1958 ele trabalhava com equipes de futebol feminino promovendo jogos beneficentes<sup>25</sup>.

Apesar de ser proibido, partidas de futebol feminino com fins beneficentes eram recorrentes nessa época, pelo fato de serem socialmente aceitas. Esse tipo de prática não representava uma possibilidade de desenvolvimento da modalidade, porque acontecia circunstancialmente e estava atrelado a um ideal de benevolência, bondade e cuidado, compreendidas como características essencialmente femininas (SILVA, 2015). Essa visão tem uma influência significativa da divisão sexual do trabalho que se desenvolveu no mundo burguês capitalista, fazendo com que as mulheres brancas e de classes sociais mais elevadas ficassem restritas à esfera doméstica, tendo como função principal cuidar do lar e da família. Com o advento da “modernidade”, a mentalidade burguesa sofreu alterações e o papel social das mulheres de elite foi redefinido, as quais passaram a ser incentivadas a fazer parte da esfera pública, porém, mantendo os atributos essenciais de feminilidade (GOELLNER, 1999). Contudo, classe e raça se configuram como elementos fundamentais nesse debate, pelo fato de mulheres negras e pobres não se enquadrarem nesse ideal burguês (BIROLI, 2017) (DAVIS, 2016), o que nos leva a crer que grande parte das mulheres que participavam dos jogos beneficentes eram brancas e de classe média. Apesar da tentativa do radialista em organizar uma seleção feminina brasileira para jogar o campeonato, tal fato não foi possível, evidentemente por conta da proibição da modalidade e pela dificuldade em reunir jogadoras que praticavam a modalidade de forma totalmente desorganizada.

Em junho de 1971, o *Jornal dos Sports* também publicou uma notícia a respeito do mundial informando que os cartazes de propaganda já estavam sendo distribuídos. Além disso, escreveram que:

Os mexicanos lamentam que o Brasil - considerado como o País de melhor futebol do mundo - não estará presente, mas esperam que o Mundial de Futebol Feminino seja um sucesso sob o ponto de vista técnico, porque o êxito em termos de turismo já está quase garantido,

---

<sup>25</sup> Jornal do Brasil, Rio de Janeiro, 23 e 24 de maio de 1971, p. 88.

já que muita gente quererá ver de perto se as garotas curvilíneas batem bem na bola como os marmanjos<sup>26</sup>.

Já confirmado que o Brasil não iria participar da competição, a lamentação dos mexicanos sobre a ausência das brasileiras reforça nosso argumento de que o interesse na presença da seleção brasileira feminina estava relacionada ao fato da seleção masculina ser considerada a melhor do mundo naquele momento. Um outro elemento interessante nesse trecho é a dúvida sobre a capacidade técnica das jogadoras. Por mais que a modalidade fosse nova e muitos ainda não tivessem visto um jogo de futebol feminino, essa questão é colocada pois o futebol era visto em todo mundo como um esporte inerente aos homens, como se fizesse parte da natureza masculina saber jogar futebol. Seguindo essa linha, ver se as garotas batem bem na bola como os marmanjos significa que o padrão de qualidade do jogo é masculino e ele deve ser o parâmetro de comparação.

A presença feminina no mundo futebolístico é até hoje destacada por conta da beleza. Em diversas oportunidades os narradores brasileiros comentam a respeito da estética de alguma torcedora filmada no estádio ou então de alguma jogadora em casos de jogos de futebol de mulheres. A figura feminina é vista como um objetivo de desejo masculino e não como uma torcedora ou como uma jogadora. Nessa mesma lógica, o *Jornal do Brasil* publicou o seguinte:

Para o segundo Campeonato Mundial de Futebol Feminino, a ser disputado no México, entre 15 de agosto e 5 de setembro, seus organizadores prometem além do espetáculo competitivo uma grande festa de beleza, já que “vamos combinar as duas maiores paixões do homem em todo o mundo: futebol e mulheres”<sup>27</sup>.

Além dos jogos em si, os organizadores destacaram a beleza das mulheres como um atrativo ao público e fizeram uma generalização ao assumirem que futebol e mulheres são as maiores paixões do homem no mundo todo. De acordo com Judith Butler (2003), existe uma relação causal naturalizada na sociedade entre gênero, sexo e desejo, que pode ser classificada como heterossexualidade compulsória. Dessa forma, a sociedade entende que a lógica natural é a atração pelo sexo oposto considerando o binarismo homem/mulher. Por sua vez, Bourdieu (1998) afirma que o privilégio masculino impõe ao homem o dever de

---

<sup>26</sup> *Jornal dos Sports*, Rio de Janeiro, 19 de junho de 1971, p. 2.

<sup>27</sup> *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 17 de julho de 1971, p. 29.

afirmar, em toda e qualquer circunstância, sua virilidade. A partir dessas perspectivas é possível compreender a ideia, que faz sentido em muitas realidades culturais, de que futebol e mulheres são as maiores paixões do homem. Gostar de mulher seria algo inerente ao homem e a natureza masculina, enquanto o futebol seria o espaço social no qual os homens, provam para outros homens a sua virilidade, pois ela só pode ser validada pelos pares. Essas concepções estão entranhadas na sociedade de uma forma tão forte, que são naturalizadas pelos sujeitos, levando-os a duvidar da masculinidade de um homem que não goste de assistir ou de jogar futebol.

### **Considerações Finais**

A perspectiva da História Global pode ser muito frutífera para os historiadores que puderem explorá-la. É evidente que ela apresenta certas limitações e dificuldades, sendo a questão das fontes e da língua as principais. No entanto, é exequível adotar uma perspectiva global mesmo com fontes limitadas e dependendo do objeto de pesquisa esta abordagem pode acrescentar de forma muito significativa. Nesse sentido, olhar o futebol de mulheres levando em consideração os contatos e as conexões globais entre alguns países foi bastante positivo, por nos fazer enxergar além e compreender as realidades locais inseridas em um sistema global.

Em linhas gerais, nota-se que a medicina esteve diretamente envolvida com o futebol feminino, seja para legitimar a proibição ou a prática. Apesar da pretensão de ser uma ciência universal, os contextos culturais e sociais distintos inviabilizam uma uniformidade no pensamento médico. Dessa forma, enquanto o futebol de mulheres era proibido no Brasil, no Paraguai e na URSS com a recomendação da medicina, no continente europeu ele estava em franco desenvolvimento sem o questionamento da mesma instituição, que, portanto, é heterogênea, com amplos olhares e interpretações que se adequam às diferentes realidades sociais

Diante desse crescimento da modalidade na Europa e em outros continentes, a FIFA, entidade máxima do futebol no mundo, foi levada a recomendar as federações nacionais a reconhecerem e a assumirem o comando do futebol de mulheres, a fim de evitar a exploração comercial. Mesmo com todo

o poder da entidade, alguns países como o Paraguai a confrontaram, negando-se a reconhecer o futebol feminino. O controle do corpo feminino por órgãos internacionais era feito por meio de um teste de feminilidade, o qual tinha o objetivo de cancelar se uma mulher estava apta para ser incluída na categoria feminina e mesmo sem detalhes de como ele era efetuado, podemos constatar que estava associado a uma ideia performativa de gênero construída social e culturalmente.

No que diz respeito aos campeonatos mundiais femininos de 1970 e 1971, vale destacar a repercussão da seleção brasileira nas competições mesmo sem participar de fato. Os convites para essas participações podem ser atribuídos à tradição e ao prestígio da seleção masculina de futebol, que naquela época já possuía o tricampeonato mundial. Sendo assim, o Brasil era reconhecido globalmente como uma potência no futebol, levando a Federação Internacional Europeia de Futebol Feminino a colocar o país na lista dos participantes do torneio mesmo sem ter uma seleção e ao povo mexicano exigir a presença das brasileiras como finalista do campeonato.

### **Referências bibliográficas**

- ALMEIDA, Caroline Soares de. **Boas de bola: um estudo sobre o ser jogadora de futebol no Esporte Clube Radar durante a década de 1980**. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2013.
- BIROLI, Flávia. **Gênero e desigualdades: limites da democracia no Brasil**. São Paulo: Boitempo, 2017.
- BONFIM, Aira. **Football feminino entre festas esportivas e campos suburbanos: uma história social do futebol praticado por mulheres da introdução à proibição (1915-1941)**. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em História, Política e Bens Culturais - PPHBC, Fundação Getúlio Vargas. Rio de Janeiro, 2019.
- BOURDIEU, Pierre. **Questões de Sociologia**. Lisboa: Sociedade Unipessoal, 2003.
- BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. Rio de Janeiro: Bertrand, 2012.

- BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.
- CHARTIER, Roger. **A História Cultural: Entre práticas e representações**. Algés: Difel, 1988.
- DUNNING, Eric. O desporto como uma área masculina reservada: notas sobre os fundamentos sociais da identidade masculina e as suas transformações. In: ELIAS, Norbert. **A busca da excitação**. Lisboa: Difel, 1992, p. 389-412.
- CONRAD, Sebastian. **O que é a história global?**. Princeton: University Press, 2016.
- COSTA, Leda Maria da. O Futebol feminino nas décadas de 1940 a 1980. **Revista do Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro**, Rio de Janeiro, n. 13, p. 493-507, 2017.
- COUTO, André Alexandre Guimarães. A imprensa esportiva carioca (décadas de 1940-1960). **Revista do Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro**, Rio de Janeiro, n. 13, p. 509-521, 2017.
- DE LUCA, Tania Regina. História dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, Carla. Bassanezi (org.), **Fontes Históricas**. São Paulo: Contexto, 2005. p. 111-153.
- FRANZINI, Fábio. Futebol é “coisa para macho”? Pequeno esboço para uma história das mulheres no país do futebol”. **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v. 25, n. 50, p. 316-328, 2005.
- DAVIS, Angela. **Mulheres, Raça e Classe**. São Paulo: Boitempo, 2016.
- GINZBURG, Carlo. Memória e globalização. **Revista Esboços**, UFSC, Florianópolis, Volume 16, nº 21, p. 9-21, 2009.
- GOELLNER, Silvana Vilodre. **Bela, maternal e feminina: imagens da mulher da Revista Educação Physica**. Tese de doutorado. Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas. Campinas, 1999.
- GOELLNER, Silvana Vilodre. Mulheres e futebol no Brasil: entre sombras e visibilidades. **Revista brasileira de Educação Física e Esporte**, São Paulo, v. 19, n. 2, p. 143-151, jun. 2005.
- LUGONES, María. Colonialidad e Género. **Tabula rasa**, Bogotá, nº9, p. 73-101, julio-diciembre, 2008.



RIAL, Carmen. El invisible (y victorioso) fútbol practicado por mujeres en Brasil. **Nueva Sociedad**, Buenos Aires, p. 119-126, nov/diec. 2013.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação e realidade**, Porto Alegre, v. 16, n. 2, p. 71-99, jul/dez, 1990.

SILVA, Giovana Capucim e. **Narrativas sobre o futebol feminino na imprensa paulista: entre a proibição e a regulamentação (1965-1983)**.

Dissertação de mestrado. Programa de Pós-Graduação em História Social - FFLCH, Departamento de História - Universidade de São Paulo. São Paulo, 2015.

SUBRAHMANYAN, Sanjay. Em busca das origens da História Global. **Estudos Históricos**, Vol 30, Nro. 60, Janeiro-Abril 2017.

WILLIAMS, Jean. **Women's Football, Europe and Professionalization 1971-2011**. De Montfort University Leicester, 2011.